

H I S T Ó R I A  

---

**& U T O P I A S**



ORGANIZAÇÃO  
*Ilana Blaj*  
*John M. Monteiro*

A N P U H

---

Associação Nacional de História

# ***HISTÓRIA & UTOPIAS***

---

*Textos apresentados no XVII Simpósio  
Nacional de História*

Organização  
**John Manuel Monteiro**  
**Ilana Blaj**

**A N P U H**

---

Associação Nacional de História

1996

# MITO DA REDENÇÃO PELO PODER FEMININO NA ARGENTINA PERONISTA

*Maria Helena Rolim Capelato*  
Universidade de São Paulo

As imagens idealizadas do feminino produzidas pelas representações masculinizantes da cultura Ocidental, se prestam até hoje para justificar situações de exclusão e controle da mulher. Em certas situações, a representação do feminino assume um caráter mais amplo, de natureza política, que implica em relações de poder e formas de controle da sociedade em geral.

Pretendo refletir sobre um caso específico de construção do mito feminino que encerra um significado político da maior relevância. Trata-se de mito Eva Perón, ou melhor, dos mitos criados em torno dessa personagem que, num momento muito importante da história argentina, desempenhou papel de estrela de primeira grandeza no espetáculo peronista.

Apesar da vasta bibliografia sobre o tema, o mito Eva continua instigando a imaginação dos estudiosos da América Latina. A força e amplitude desse mito ainda vivo, mostram que a idealização do feminino, neste caso, se insere num ambicioso projeto político que propunha a Redenção da Argentina. É neste quadro que pretendo situar o mito Eva.

As imagens contraditórias produzidas em torno dessa figura têm como núcleo comum, a feminilidade ideal. Muito se fala de um ideal feminino. No entanto essa generalização é problemática, porque não permite desvendar os significados particulares que esse ideal assume em diferentes situações históricas.

Instigada pela leitura de um texto de Hans Robert Jauss,<sup>1</sup> que analisa a *Ifigênia* de Goethe, indicando, na reinterpretação da tragédia clássica, a criação de um novo mito — o da redenção pelo Eterno Feminino — ousei buscar relação entre esse novo mito, criado por Goethe, e o mito Eva, que aponta para a Redenção da Argentina.

---

1 H. R. Jauss, "De l'Iphigénie de Racine à celle de Goethe", in *Pour une Esthétique de la Réception*, Paris, 1978, pp. 210-62.

Não se trata, obviamente, de estabelecer uma relação linear entre os dois mitos produzidos em circunstâncias históricas bem distintas. O mito da Redenção pelo Eterno feminino, identificado por Jauss na obra de Goethe, constitui aqui, ponto de partida para a tentativa de compreensão do ideal feminino, expresso no mito Eva e seu significado político. Cabe, inicialmente, expor a análise de Jauss sobre a *Ifigênia* de Goethe para, a seguir, indicar as conexões possíveis com o mito Eva.

### A *Ifigênia* de Goethe

A *Ifigênia* e outras peças de Eurípedes mereceram reinterpretações na modernidade porque o autor grego emprestava aos heróis sentimentos humanos. Prepara, dessa forma, o drama burguês, o que explica sua forte influência na literatura mundial.

O sacrifício de Ifigênia, exigido pelos deuses para acalmar os ventos e as marés, que impediam a travessia da armada grega até Tróia, coloca em cena o drama da decisão paterna. Artemis, irritada porque os gregos haviam matado uma de suas criaturas selvagens predileta — uma lebre — exige o sacrifício da virgem real, a filha mais velha do comandante em chefe da armada grega, Agamenon. Esse holocausto horroriza o pai, mas sua reputação estava em jogo perante a armada e também a ambição de vencer Tróia e exaltar a Grécia.

Além de expor o drama dos sentimentos humanos, a tragédia levanta a problemática do sacrifício que, como bem mostra René Girard, existia no mundo religioso para controlar a violência, impedindo-a de se desencadear.<sup>2</sup>

A idéia de sacrifício persiste na *Ifigênia* de Goethe, mas com significado bem distinto do original. Segundo Jauss, o mito da Redenção pelo Eterno Feminino representa uma resposta a um desafio que os homens das Luzes resolveram enfrentar, ou seja: o dilema da autonomia do homem e sua relação harmônica com a natureza. Nessa luta para sobrepujar o divino e constituir a relação homem/natureza em novas bases, mitos antigos foram destruídos, mas outros se criaram.

A *Ifigênia* de Goethe constitui obra exemplar para mostrar a constituição de um novo mito: o mito feminino como representativo da humanidade ideal.

Tomando como modelo a Santa Ágata de Rafael, a *Ifigênia* de Goethe representa uma natureza mais alta, redentora, capaz de fazer triunfar os direitos inatos da natureza feminina contra a realidade histórica dominada pela violência e pelas artimanhas masculinas. Na luta contra a história, a pureza feminina vence, pacificando a Natureza.

---

2 René Girard, *La Violence et le Sacré*, Paris, 1972.

A *Ifigênia* de Goethe se apresenta como portadora da verdade que traz em si mesma. Essa verdade não reside na razão, mas na alma humana. O caminho pelo qual ela ultrapassa o fosso que separava o homem dos deuses é paradigmático: mostra como a humanidade transita da dependência mítica, religiosa, para a liberdade do sujeito adulto.

A fala audaciosa da Ifigênia enfrenta a tradição e o culto exterior (das imagens, das estátuas) dos deuses antigos. As imagens externas são substituídas pela “imagem na alma”, novo princípio de subjetividade religiosa.

Ocorre aí um processo de interiorização da religiosidade que se expressa na tentativa de libertação de Ifigênia. Ela não escapa ao sacrifício, mas diferentemente do que ocorre no mito original, onde é submissa ao desígnios divinos e à ordem paterna, assume agora o risco de desafiar os deuses antigos, impondo o respeito a uma nova lei — a lei do bem que reside, não mais no divino, mas na alma humana. Esse ato de audácia de Ifigênia representa a maturidade da humanidade.

Mas, como mostra Jauss, nesse mesmo processo emancipador, de tentativa de libertação dos mitos, a *Ifigênia* de Goethe se transforma num novo mito — o da feminilidade redentora e pura. Tornando-se deusa, santa, libera-se de sua feminilidade obscura e inferior, mas se transforma em sacerdotisa do Eterno Feminino, representativa da alta política da humanidade face a todas as máculas de um mundo entregue à astúcia e à força dos homens.

A peça de Goethe projeta-se na esfera do mito, ao tentar transcender a história, figurada pelo mundo dos homens. Preso à idéia da humanidade ideal, Goethe reduz sua peça sobre o humanismo esclarecido a uma apologia do poder redentor da pureza feminina superior ao da razão.

O drama da autonomia humana, ou seja, a luta do homem para libertar-se de sua natureza mítica e religiosa, colocada na peça, encontra seu limite no novo mito, resultado da tentativa de resolver as contradições entre a humanidade ideal e a realidade histórica.

A reconciliação advém do anseio de pacificação da Natureza e de harmonia, tendo como parâmetro a humanidade ideal.

A redenção da humanidade pelo Eterno Feminino expressa a fé de Goethe no poder libertador de uma moral constrangedora que conduz à verdade. Esse poder suplanta o racionalismo das Luzes.

Provocando a inversão das Luzes em mitologia, a *Ifigênia* de Goethe caminha do destino mítico à viagem utópica para uma sociedade ideal. A peça trilha o percurso das Luzes, quando indica o processo de libertação de Ifigênia da tradição, dos deuses antigos, dos cultos exteriores, mas dele se afasta ao criar um novo mito. Rompe com a ortodoxia cristã, ao aderir à concepção de religiosidade interiorizada, subjetiva, mas a libertação do homem esbarra na proposta de uma Natureza eterna e redentora, fora da história.

Goethe compartilha do sonho romântico de “unicidade e harmonia do todo” e incorpora a idéia normativa da *Natureza* enquanto modelo da existência humana.

Roberto Romano no *Conservadorismo Romântico: Origem do Totalitarismo*, mostra bem como os românticos caminham para fora da história, mergulhando na eterna Natureza. Responsabilizando a Revolução burguesa e a ideologia iluminista pela fragmentação do corpo social, os românticos pretendem recuperar a bela totalidade natural que se trincou. Propõem uma recuperação da origem, que não significa volta ao passado, ao tempo histórico do Antigo Regime. A origem é a *Natureza*, eterna e idêntica a si mesma, só possível de ser alcançada pela intuição superior, ou seja, pela bela alma.

A lógica da ideologia contra-revolucionária aparece na fantasmagoria do todo orgânico, cuja célula básica é a família.

Pela família, o indivíduo retornaria ao grande *Eu* coletivo, recuperando-se, dessa maneira, a harmonia do corpo social. Nesse processo de reconciliação da bela totalidade natural, o povo — eterna criança — deveria ser protegido pelo casal monarca, garantia da Paz Perpétua. Aqui são recuperados os temas do poder familiar e da superioridade pedagógica dos governantes.<sup>3</sup>

Ao criar o mito da Redenção pelo Eterno Feminino, Goethe inverte a proposta das Luzes, mostrando-se mais próximo da política romântica. O romantismo ofereceu uma alternativa à ortodoxia cristã; em seu lugar firmouse a idéia normativa da Natureza enquanto modelo da existência humana que está na base do mito goetheano. Este mito encontrou terreno de expansão muito favorável no Estado nacionalista alemão do século XIX.

O ato moral da Ifigênia, a atitude de abnegação, seus efeitos expiatórios e purificadores se coadunam perfeitamente com o espírito e valores apregoados pelo nacionalismo do século XIX, sobretudo na sua versão romântica.

A proposta política do conservadorismo romântico foi recuperado pelo totalitarismo nazi-fascista que levou às últimas conseqüências a idéia da totalidade orgânica. O termo *Natureza* predomina no vocabulário do fascismo e do nacional-socialismo e a fonte dessa concepção também reside no romantismo.

O Estado totalitário inaugura uma nova forma política. Recupera elementos do Antigo Regime, ponto de referência dos românticos na luta contra a Revolução burguesa, mas institui, como afirma Claude Lefort, uma “nova formação social”, sem precedentes na história. O autor insiste na importância das representações simbólicas do poder e esclarece o significado das

---

3 Essas teses são expostas principalmente por Novalis, um dos mais representativos pensadores Românticos. Ver Roberto Romano, *Conservadorismo Romântico. Origens do Totalitarismo*, São Paulo, 1981.

representações totalitárias, contrapondo essas representações às do Antigo Regime.

Nos dois casos, as metáforas orgânicas e a imagem do UM se sobressaem. No primeiro caso, a metáfora orgânica se associa à teológica para representar o corpo político do rei — o social e o político aí se identificam na imagem do UM corporificado litúrgica e juridicamente no governo, cuja vontade é a lei. O político devora o social como um órgão do corpo régio. Nas metáforas orgânicas o social e o político dos sistemas totalitários são novamente soldados num único e indiferenciado corpo — o do Partido/Estado, seus órgãos e células constituem o tecido social cuja cabeça, guia Supremo, recoloca o novo nome do UM, o Egocrata.<sup>4</sup>

Nas representações nazistas do todo orgânico, a mulher ganha destaque. Ela é responsável pela família que garante a harmonia do todo.

O nazismo não glorifica a mulher, mas o princípio feminino da pureza, tal como aparece no mito da redenção pelo Eterno Feminino. Ela não pertence à sociedade ativa e representa a Natureza. É vestal, sacerdotisa do lar, guardiã das tradições.

O mito feminino justifica a exclusão da mulher da política. Naturalmente pura, ela não pode participar da política, que ultrajaria sua condição de reprodutora e guardiã da tradição e dos costumes. Permanece, então, confinada no lar.

Hitler define bem os papéis masculino e feminino: “Tudo correrá *naturalmente* se cada um desempenhar as funções que a *Natureza* lhe destinou: o homem, criado para o trabalho e para a guerra — papéis ativos de decisão; e a mulher para a procriação. Dela se espera a procriação, o ensinamento dos valores fundamentais da nação e trabalhos domésticos.”<sup>5</sup>

O nazismo repudia a emancipação feminina considerada invenção dos judeus. A pedagogia nazista para a mulher não ia além de prepará-las para a maternidade no seu sentido mais amplo. E neste aspecto reside uma das especificidades do nazismo: a mulher era exaltada como ente sagrado por suas funções biológicas. Encarnando o solo natal e a fecundidade da terra mãe, carrega em si o futuro da nação, do povo e garantia a pureza da raça ariana. Através dela, a Alemanha se redimiria.

---

4 Claude Lefort, *A invenção democrática: Os Limites do Totalitarismo*, São Paulo, 1987.

5 Alcir Lenharo, *O triunfo da vontade*, São Paulo, 1986. O autor mostra como as autoridades encorajavam a presença da mulher no lar. Havia também as medidas restritivas que proibiam a presença da mulher em certas funções públicas. Das profissões médicas e paramédicas, por exemplo, as mulheres estavam excluídas.

O mito da Eterna Redenção pela pureza feminina, ganha conotação racista no nazismo: a humanidade ideal é constituída, apenas, pela raça ariana. O sonho goetheano, se restringe, assim, na noção totalitária nazista, que exclui os não arianos da humanidade ideal.

### **Argentina: uma sociedade à procura de um mito**

As idéias românticas e, posteriormente, as totalitárias, circularam pelo mundo e delas se apropriaram grupos contrários ao liberalismo e à democracia.

Na Argentina dos anos 20-30, o conservadorismo romântico teve muita penetração entre os chamados “nacionalistas restauradores”. A partir dessa época, as idéias totalitárias também encontram receptividade em vários setores da sociedade — o golpe de 1930, liderado por Uriburu teve inspiração fascista e o de 1943 foi articulado pelo Grupo de Oficiais Unidos, simpático ao nazismo. Juan Domingo Perón pertencia a esse grupo.

Partindo do pressuposto de que as idéias circulam, havendo sempre um nexos entre sua produção e reprodução em situações particulares, pretendo, agora, estabelecer uma relação entre os pressupostos políticos do romantismo e do totalitarismo e a construção do mito da Redenção pelo Poder Feminino na Argentina.

Não cabe aqui retrair a história do peronismo, mas a compreensão do mito Eva exige uma referência ao projeto político que orientou a atuação dos representantes desse regime.

Na Argentina dos anos 20-30, o nacionalismo ganhou expressão significativa. Dentre as várias correntes, a do nacionalismo restaurador destacou-se na luta contra o liberalismo e a democracia, considerados inadequados para a realidade argentina. Seus ideólogos incorporaram muitas das perspectivas do pensamento contra-revolucionário do século XIX. A noção de todo orgânico está no cerne do seu projeto de reforma política que se caracteriza pela visão conservadora e autoritária da história.

Esses nacionalistas se contrapunham ao regime liberal responsabilizado pela situação de “desordem”, “anarquia”, “caos” em que se encontrava a Argentina. Clamavam pela presença de um líder forte, capaz de redimir o povo e salvar a Pátria.

A penetração das idéias nazistas na Argentina, a partir dos anos 30, vem reforçar essa perspectiva da necessidade de um líder salvador, redentor. Perón se apresenta no cenário político argentino, com o perfil de Salvador da Pátria. O golpe de 1943 colocou no poder os representantes do Grupo de Oficiais Unidos do qual Juan Domingo Perón fazia parte. Esse grupo, simpático à

Alemanha de Hitler, identificava uma situação de desordem na sociedade e assim justificou o golpe como revolução redentora da Argentina.

Já nessa ocasião, Perón destacou-se por sua atuação na Secretaria de Trabajo y Previsión. Em 1945, foi eleito Presidente da República com o propósito de redimir o país dos efeitos nefastos da política liberal.

Não pretendo identificar o peronismo com o projeto dos nacionalistas restauradores argentinos nem com o totalitarismo nazista. A doutrina peronista e o regime têm especificidades que não cabe aqui analisar. Saliento apenas que na crítica à política liberal e na proposta de redenção da Argentina, Perón compartilha da noção de todo orgânico também presente naqueles ideários.

A proposta de revolução redentora já anunciada no golpe de 1943 e reafirmada em 1945, apresenta como ideal a construção de um sociedade *Una* e harmônica, organizada a partir do líder forte — Perón. Cabe a ele a missão salvacionista.

O mito Eva se forja no bojo dessa política. A idéia de redenção penetra, com muita força, no imaginário social da época, graças à presença de Eva Perón, a figura feminina que encarna perfeitamente o papel de redenção. Aqui recupero o mito da *Ifigênia* de Goethe, que aponta para o poder feminino, capaz de redimir a humanidade e produzir a harmonia.

O projeto peronista de construção da sociedade ideal, beneficiou-se de uma circunstância extremamente feliz: a presença de Eva, “*the right woman in the right place*”. Eva Perón configurou-se como a personagem adequada para representar a encarnação viva do mito feminino da redenção. Sua capacidade de liderança era inquestionável; a profissão de artista também explica sua desenvoltura frente às massas, seu grande público. Além disso, seus dotes físicos a tornavam especialmente dotada para a representação da feminilidade ideal, expressão do bem, do belo e do bom.

Eva não era, porém, uma líder qualquer. Era a Primeira Dama e dividia, com Perón, a liderança e o poder. Nessa divisão cada um desempenhava funções próprias. Juan Domingo Perón, expressão do poder masculino que aponta para um papel ativo, de decisão, atuava na vida pública, exercendo atividades políticas bem definidas. O poder institucionalizado caracteriza sua representação. Eva Duarte Perón, a mulher, classicamente feminina, representa a intuição, o sentimento, a emoção.

Em sua autobiografia — *La Razón de mi Vida* — Eva distingue sua atuação da de Perón: este atuava com inteligência; ela com o coração. Essa distinção recupera a visão da mulher produzida pela cultura machista universal: ser irracional, emocional, afetivo, espontâneo. Tais características excluem as mulheres da vida ativa/pública e portanto, retira delas a possibilidade de exercer um poder institucional. Nessa perspectiva, o poder de

Eva se apresenta como espiritual, distinto do poder temporal, jurídico, político institucional de Perón.

O casal se complementa no exercício de um poder que se pretende total. Mas nesse tipo de representação, o poder masculino controla o feminino, irracional, evitando que o feminino se torne uma força maléfica, descontrolada.

O casal Eva/Péron faz lembrar o casal monarca, expressão do poder político na teoria do romântico Novalis. Respeitadas as especificidades históricas, a equiparação é pertinente, sobretudo num aspecto: Novalis indica a relação entre o casal monarca e os súditos como de natureza predominantemente emotiva, não racional.

Eva, a Primeira Dama argentina, afirmava: para o povo é mais fácil amar um homem do que uma doutrina, porque os povos são todo *coração*. Nessa perspectiva, apresenta-se como responsável pela relação direta com as massas. Ela garante o amor dos súditos e sua devoção ao líder; exerce sobre as massas uma influência emocional que gera uma reverência mística ao casal responsável pela Paz Perpétua. Perón a identificou como intermediária, ponte de amor entre ele e seu povo.

O significado político da atuação de Eva desaparece na construção do mito. Ela mesma afirmava: “mais que ação política, o movimento das mulheres deve realizar ação social. Precisamente porque a ação social é algo que as mulheres trazem no sangue”.<sup>6</sup>

Aqui, novamente nos deparamos com a imagem de um poder feminino redentor capaz de garantir a construção da sociedade ideal, harmônica. Cabe lembrar que, na concepção do todo orgânico, a família constitui a base da comunidade. A vida familiar significava a preparação para o amor à Pátria. Esse amor funde a natureza, os cidadãos e o casal monarca, no grande *Eu* coletivo.

Nessa perspectiva, a vida doméstica e a vida pública não são duas atividades distintas — a segunda é extensão da primeira e isto significa que as virtudes familiares são também cívicas.<sup>7</sup>

Aqui se fundem os dois tipos de poder masculino e feminino que mencionei anteriormente. Mas Eva é responsável pela manutenção familiar como base da comunidade e também pela coesão e harmonia do social.

O civismo e o patriotismo, ingredientes básicos na configuração do mito Eva, se relacionam à noção de todo comunitário embasado na célula familiar.

---

6 Eva Perón, *La Razón de mi Vida*, Buenos Aires, 1951, p. 301.

7 A propósito dessa concepção do todo orgânico no pensamento conservador romântico, consulte novamente Roberto Romano, *op. cit.*

Para explicitar melhor o significado político da representação feminina de Eva é preciso acompanhar mais detalhadamente a elaboração do mito que ela própria ajuda a construir. Na verdade, a presença de Eva foi tão marcante na Argentina a ponto de gerar mais de um mito.

### **Eva: uma personagem e três mitos**

Há várias análises sobre o mito Eva Perón.<sup>8</sup> Dentre elas se destaca a da antropóloga Julie M. Taylor que identifica a constituição de três mitos em torno da personagem Eva.<sup>9</sup>

Além do mito positivo, forjado pelo movimento peronista da época, a autora identifica o mito negro, criado pelos anti-peronistas. Ambos permanecem muito vivos depois de sua morte. Mais recentemente, na 2ª fase do peronismo (anos 60-70), o movimento de guerrilha construiu a imagem da Eva revolucionária.

No caso dos dois primeiros, a feminilidade ideal está no cerne do mito, orientando imagens opostas. As representações da boa e má mulher coexistem em torno da mesma personagem, Eva.

A autora mostra que essa expressão de um conjunto contrastante de valores e imagens, aparece em outros fenômenos da história argentina; cita, como exemplo, o caso do tango, traço tão característico da cultura portenha.

Em torno do tango surgem imagens contraditórias da mulher: enquanto a coreografia exige que o dançarino homem domine inteiramente a parceira, até fazê-la dobrar a espinha, as letras das músicas conferem poder à mulher dominadora e independente. Nesse universo, os homens lutam para sobreviver num mundo traiçoeiro — são ingênuos em relação às mulheres independentes, calculistas e aparecem como vítimas do sexo feminino face ao qual são impotentes. O tango, “lamento do corno”, celebra sua ruína e queda, mas também, seu arrependimento pela perda dos valores verdadeiros. Seduzido pela cidade e pelas mulheres, o cantor abandonou a velha mãe, figura assexuada, expressão do lar e de todas as virtudes femininas. Arrepende-se por esse abandono.

A mulher triunfante aparece como antítese da feminilidade ideal — é egoísta, infiel, mundana, impura.

Nos mitos Eva, essas duas representações da mulher, a boa e má, convivem na mesma personagem. Nisto reside o grande interesse que o tema desperta.

8 Cito entre outros, o trabalho de Marisa Navarro, *Evita*, Buenos Aires, 1981.

9 Julie M. Taylor, *Evita Perón. Los mitos de una mujer*, Buenos Aires, Editorial Belgrano, 1981. A exposição que se segue sobre os “mitos Eva” se baseia essencialmente na análise dessa autora.

### ***O mito peronista***

Como observa Julie Taylor, muitos homens e mulheres inspiraram entusiasmo e geraram mitos na Argentina, mas ninguém se compara a Eva, e ninguém penetrou tão fundo no imaginário social, estando nele presente até hoje. No momento de sua morte, provavelmente foi a mulher mais poderosa do mundo.

Os que aclamam Eva como líder procuram reforçar, na sua imagem, os traços da feminilidade ideal. Nessa imagem positiva criada pelo peronismo ela é a expressão do bem e do belo.

O mito constrói sua história a partir do nascimento: nascida inocente e pobre, nos pampas, vai para Buenos Aires, na adolescência, para dedicar-se à carreira de atriz. Esse percurso do interior rural para a cidade era o caminho sonhado por muitos argentinos nessa época de forte ciclo migratório. Via-se na migração do interior para a capital, a possibilidade de êxito e riqueza. O caminho de Eva indica o sucesso na trajetória.

Em Buenos Aires, enamora-se de Perón e por ele renuncia a seus ideais de atriz passando a dedicar-se à família e à Pátria. Intuitivamente guiada pelo marido/líder, encontrou nele sua identidade e razão de ser. No livro *La Razón de mi vida*: “Tudo o que sou, tudo o que tenho, tudo o que sinto é de Perón (...) deixei de existir em mim mesma; é ele quem vive na minha alma, é dono de todas as minhas palavras e de meus sentimentos — senhor absoluto do meu coração e da minha vida. Como mulher pertenço a ele totalmente, sou de certo modo sua escrava, mas nunca me senti, como agora, tão livre”.

Nos seus discursos e textos Eva, reproduz imagens de submissão e controle da mulher pelo homem. A idéia de renúncia e sacrifício proliferam nesse campo.

Na fala constituidora do mito, Eva renuncia à sua própria existência por Perón. Sem filhos, dedicou-se inteiramente e, com grande instinto materno, aos humildes. Tornou-se modelo da mãe ideal. Sacrificou-se por eles e pela Pátria até o martírio final.

Na ocasião de sua morte, Perón declarou que Eva fora um instrumento de sua criação. “Preparei-a para que fizesse o que fez e sua obra foi extraordinária. A área na qual sou profissional é a liderança. Um líder deve imitar a Natureza em Deus (...) Deus atua por meio da Providência. Esse foi o papel que Eva desempenhou: o da Providência”.

A morte prematura sacraliza o mito Eva. É nesse momento que ele se aproxima do mito da redenção pela pureza feminina forjado por Goethe na recriação da Ifigênia a partir do modelo da Santa Ágata de Rafael.

A renúncia, o sacrifício, o martírio conduzem Eva à Santidade. Há um longo percurso que se estende da doença para a santificação. Sua enfermidade,

foi ocultada até o final. Pouco antes de sua morte, já completamente sem forças, ainda aparece em público. Nessa fase terminal recebeu o título, dado pelo Congresso, de “Chefe Espiritual da Nação”. Seu confessor, Pe. Herman Benitez, em discurso público, a proclamou *mártir* dos descamisados, exemplo de auto sacrifício e fé que Deus deu ao povo argentino.

Sua morte se constitui num dos fenômenos de massa mais importantes da história latino-americana. Faleceu em 26 de julho de 1952 às 22:25 hs. Desde então, os noticiários noturnos tinham início com a seguinte frase: “São 22:25, horas em que Eva entrou para a imortalidade”.

O Dr. Pedro Ara, famoso embalsamador espanhol, preparou o cadáver para a exposição pública que durou até meados de agosto. Com a procissão que acompanhou o corpo do Ministério do Trabalho, teve início a odisséia póstuma de Eva, que só terminou em 1978. Nesse ano foi feita a exibição pública do corpo de Eva na Argentina, depois do traslado secreto para a Europa (logo após a queda de Perón), sepultamento, também secreto, num cemitério de Milão, exumação e traslado do corpo para Madrid (nos anos 70, 2º momento do peronismo) e retorno à Argentina por obra de Isabelita, então no poder.

O grandioso funeral, em 1952, caracterizou-se pelas pompas extremas de luto público impostas oficialmente pelo regime e por manifestações populares espontâneas. Numerosa massa, em constante circulação, manteve vigília junto ao corpo de Eva. Fora do edifício, filas quilométricas; paredes de flores formavam um canal por onde passava o povo até o corpo. O número de pessoas era tão grande e aumentava dia a dia, obrigando os serviços de Saúde Pública, a Fundação Eva e o Exército a providenciar mantas, camas, alimentos, bebidas quentes e comodidades de higiene. Por toda a Argentina foram celebradas missas, vigílias em pequenos altares e cerimônias fúnebres.

Em 31 de julho, cinco dias após a sua morte, o Sindicato dos Operários e Empregados da Indústria de Alimentos, telegrafou ao Papa requerendo que conferisse a Eva a benção da Santidade. Em novembro, o agrupamento dos trabalhadores latino-americano sindicalizados repetiu o pedido, propondo que Eva se tornasse a Santa de todos os trabalhadores americanos.

Os prolongados ritos funerários possibilitados pelo processo de embalsamento, estabeleceram um contato palpável com a Eva morta. Os escolares passaram a ler diariamente *La Razón de mi vida* e outros escritos dedicados a Eva. Nos textos de 2º grau aparecem orações do tipo “*madrecita nuestra que está en el cielo (...) hada buena que ries entre los angeles (...) Evita prometo que seré bueno*”.

O governo providenciou caixas postais para que fossem depositadas cartas à Eva. Com isso criava-se a ilusão de um vínculo com Eva morta, o que a mantinha viva.

Uma placa feita em sua memória mostra um halo rodeando a sua cabeça. Nos livros escolares, os cabelos loiros aparecem rodeados de um auréola.

O martírio, iniciado com a doença e a santificação pós-morte fazem de Eva a reencarnação do mito da redenção pela pureza feminina. Por isso as imagens evocam uma Eva pura.

A impossibilidade de relações sexuais em virtude da doença (um câncer de útero) foi explorada tanto para mostrar uma Eva assexuada como para salientar a idéia de sacrifício: Eva sacrificou sua vida sexual e saúde para dedicar-se ao povo e a Pátria.

O sacrifício corresponde ao ideal de feminilidade: a mulher esposa e mãe se distingue pela capacidade de abnegação, renúncia. O mito Eva parte da idéia de sacrifício, caminha para a de martírio associado à doença e morte; do martírio passa para a Santidade que se firma no culto à Eva morta.

### *O Mito Negro*

A imagem da Santa Eva era renegada pelos antiperonistas. Eles produziram um outro mito que se antepunha ao primeiro, mas se calcava nos mesmos valores, como mostra Julie Taylor.

A feminilidade ideal também orienta a construção do “mito negro” que desqualifica Eva como portadora dos atributos essenciais da condição feminina. Observa-se aqui uma inversão dos valores positivos em negativos.

Para reforçar a imagem da má mulher, os antiperonistas reinterpretam a origem de Eva: nasceu no prostíbulo da mãe, tornou-se adolescente agressiva e ambiciosa; aos quinze anos vinculou-se ao grupo de um cantor de tango que, provavelmente, a seduziu. Foi com ele para Buenos Aires, onde se estabeleceu como prostituta. A ambição desmedida e o talento sexual explicam sua escalada até o poder.

Por ressentimento advindos de sua origem social, tornou-se rancorosa e cruel; torturava por prazer e até mandava castrar os líderes rebeldes.

Além dessas histórias criadas em torno do caráter de Eva, sua aparência de mulher também é alvo de comentários desabonadores: belas roupas não conseguiam ocultar sinais de sua origem vulgar: cadeiras largas e tornozelos grossos.

No mito negro, Eva é representada como a mulher cujos impulsos e instintos são descontrolados. Suas emoções explodem com violência. O sexo a domina e, através dele domina os outros. A mulher ativa, agressiva, movida por impulsos irracionais, exerce domínio sobre Perón e sobre as massas.

A referência do descontrole sugere a idéia de um poder perigoso, força maléfica atuando sobre a sociedade. A ênfase na promiscuidade tem como alvo macular a pureza salientada no mito positivo.

A presença de Eva na vida pública é também indicada como negação da feminilidade. Cabe observar que este aspecto da atuação da Primeira Dama, ou seja, suas atividades políticas (discursos, participação em comícios, articulações políticas, participação intensa no Partido Peronista, dirigindo a ala feminina, etc) não são salientadas no mito positivo. Essas atividades são aí definidas como obras sociais. Eva afirmava: mais que ação política, as mulheres devem realizar ação social, porque é algo que as mulheres trazem no sangue.

Ação social se apresenta como qualquer coisa de natural, instintiva relacionada, portanto, aos atributos femininos; a ação política, de natureza racional é atributo masculino. A atividade política se contrapõe, portanto, ao ideal de feminilidade. Por isso, o mito peronista indica que Eva realiza ação social, não política.

Essa recusa da atividade política aparece até mesmo na batalha pela conquista do sufrágio feminino e se expressa nas palavras da líder, proferidas na comemoração da vitória: “a virtude da mulher peronista consiste em não aspirar nunca e suplantar o sexo oposto”. Criticando o movimento feminista internacional, especialmente, o anglo-saxão, Eva aconselhou as mulheres argentinas a darem as costas às experiências estrangeiras, inadequadas à realidade do país. Agora que tinham obtido a cidadania completa, deveriam desempenhar bem a função que a elas estava destinada no mundo, sem negar sua natureza doméstica.

Nesta ótica, a participação política da mulher, via sufrágio, não a direciona para a vida pública. O voto, dever cívico, representa uma etapa importante de emancipação da mulher, um ato de patriotismo e não um direito seu.

### ***O Mito da Eva Revolucionária***

Na segunda fase do peronismo, quando se cria o mito da Eva revolucionária, os guerrilheiros esquerdistas recuperam justamente a atuação política de Eva. Neste caso, como mostra Julie Taylor, não é a feminilidade que é destacada, mas sua liderança e poder místico, que no imaginário analisado aqui se associam à capacidade redentora do poder feminino.

Neste novo mito, Eva se transforma na *compañera* ideal. Sua origem humilde, as humilhações e privações da infância, permitem identificá-la completamente com o povo, com quem se relacionava de maneira intuitiva e não racional. Essa idéia da irracionalidade feminina é recuperada no mito novo, que incorpora, também, a idéia de redenção.

Eva se torna o símbolo da Revolução Redentora que os guerrilheiros de esquerda se propõem a realizar na sociedade argentina nos anos 70.

O primeiro projeto de Revolução Redentora encabeçado por Perón, indicava a necessidade de eliminação dos inimigos (dentre outros, os grupos de esquerda) para a consolidação da sociedade ideal na Argentina; o segundo, empunhado pelos guerrilheiros de esquerda, também acenava para uma sociedade ideal, no futuro, que só se concretizaria após a eliminação dos grupos de direita.

Como se pode notar, o símbolo Eva transita da direita para a esquerda. Nos dois momentos, representa o poder redentor, capaz de criar a sociedade ideal.

As duas Revoluções Redentoras se orientam pela perspectiva de, no futuro, transcender a história, figurada pelo mundo violento dos homens. Pretende-se que as contradições da história se resolvam gerando a pacificação da sociedade e harmonia; o poder capaz de fazer triunfar esse projeto é o da natureza mais alta, encarnada na figura feminina.

Eva é a encarnação desse poder na Argentina. Sua morte conferiu-lhe uma santidade, situada para além da ortodoxia cristã. Tendo passado pelo sacrifício e martírio, atinge o patamar de uma natureza mais alta, expressão da bela alma, ou seja, do bem. Ela é detentora de um poder espiritual, superior ao da razão, que a torna capaz de purificar e pacificar a sociedade e a política, para que pudesse reinar a Paz Perpétua na Argentina.

Os peronistas, como os demais adeptos da unicidade e harmonia do todo, recusavam a divisão social como princípio constituinte da sociedade. Os conflitos, vistos como anormalidade, doença, expressão do mal, deveriam ser estirpados. A imagem da Eva redentora aqui se encaixa perfeitamente.

A força mítica de Eva não garantiu nem a permanência de Perón no poder nem a vitória dos guerrilheiros; a violência das baionetas esmagou o segundo projeto de Revolução Redentora, mas o mito sobreviveu no imaginário social.

Para concluir, retomo a *Ifigênia* de Goethe lembrando que essa personagem feminina se liberta dos mitos antigos e da ortodoxia católica mas seu poder redentor é aprisionado nas malhas da barbárie nazista. A solução de uma comunidade unida, sem conflitos, que se afirma fora da história e contra ela, acabou por justificar uma política de controle total na sociedade.

O temor da fragmentação e dos conflitos explica os apelos a um poder redentor que transcende a história e se sobrepõe à razão. Os projetos totalitários germinam nesse solo.

A busca de redenção e de um poder salvador prolifera num caldo de cultura política que menospreza as instituições jurídicas. Como mostra René Girard, o sacrifício nas sociedades religiosas tem como função apaziguar as violências intestinas e impedir a explosão dos conflitos; o rito sacrificial desaparece nas sociedades modernas substituído pelo sistema judiciário. Permanece, contudo,

como representação política nos regimes que colocam o poder pessoal acima das normas institucionais. Os que acenam com a Paz Perpétua, podem estar, inocentemente, preparando o terreno para a “Paz dos Cemitérios” onde ficam enterrados os sonhos de uma sociedade harmônica.

Se a esperança de um mundo ideal passa pela Redenção, a esperança de um mundo melhor passa pela luta sem temor e sem tréguas contra os preconceitos, desigualdades e todas as formas de opressão.

Para finalizar, no espírito do 17º Encontro Nacional da ANPUH, proponho que, batalhemos para que em nossas sociedades o mito paralizante e controlador ceda lugar a uma utopia transformadora.

*Texto apresentado na sessão América Latina: Imagens Femininas na Construção de Utopias, 20/7/1993.*